

## PROFESSOR LEONIDAS DEANE

Fui convidado a falar-lhes sobre o Prof. Deane, isto é, reavivá-lo na lembrança daqueles que o conheceram e apresentá-lo àqueles que infelizmente não tiveram tal prazer. Farei isto com palavras descompromissadas de cerimônia, porém inevitavelmente cheias de emoção. Falo em nome de seus mais recentes discípulos, os mais próximos, muitos dos quais poderiam traduzir melhor que eu os sentimentos da comunidade de Manguinhos nesta homenagem. Mas coube a mim esta tarefa, da qual me orgulho. Neste caso falarei de nosso convívio por treze anos.

Em 1980, prestei concurso para o ingresso na primeira turma do curso Básico em Biologia Parasitária. Estava convencido em dedicar-me ao estudo dos helmintos. Contudo, traí tal vocação logo nos primeiros dias da disciplina de Entomologia. Fui seduzido pelas aulas proferidas pelo Prof. Deane. Suas aulas eram sempre recheadas de histórias e aventuras pessoais ou alheias, que ele denominava “folclores”, através dos quais viajávamos no tempo e no espaço. Embora lecionasse há mais de cinquenta anos, o Prof. preparava cada aula como se fosse a primeira vez em que falaria sobre o assunto e estudava no mínimo durante uns dois dias. Presenciei o Prof. Deane preparando a última aula \_ sobre a tríade rato-pulga- peste com o interesse e a atenção de quem nunca falara sobre o tema.

As historinhas, ou “folclores”, contadas em sala de aula e durante as palestras, traduziam a experiência adquirida em quase sessenta anos de pesquisas científicas desenvolvidas nas bancadas dos laboratórios e nas selvas e sertões do Brasil, por ele e, obviamente, pela nossa querida Profa. Maria Deane. Tudo começou com as investigações detetivescas sobre a leishmaniose visceral na Amazônia. Lá, caminhava, diariamente, a pé, acompanhado de seu irmão Gladstone e de sua namorada Maria José Paumgarten, por quase 20 km em trilhas na floresta. Alcançava as vilas ribeirinhas em velhos aviões monomotores com asas de lona remendadas com esparadrapo, ou em botes, os quais duas vezes com ele naufragaram. Dormia e trabalhava em tendas, comia toda sorte de caças, muitas das quais eram o alvo dos exames parasitológicos. Herdou dessas expedições a familiarização com as técnicas em-

pregadas na captura, manipulação, preservação e identificação de vários parasitos, seus hospedeiros reservatórios e transmissores. Tal experiência parece ter sido fundamental na decisão do Prof. Deane em dedicar-se, desde os anos 30, a tentar preencher as lacunas do conhecimento da epidemiologia e do controle das doenças parasitárias de seu povo.

Contava-nos que ainda nessa década teve uma nova e muito importante experiência, bem diferente daquela do calazar na Amazônia. Dedicou-se ao estudo da biologia e distribuição de um mosquito estrangeiro – o *Anopheles gambiae* – que invadira o nordeste brasileiro e fora responsável pela morte de milhares de compatriotas. Gostava de falar da disciplina, honestidade e seriedade que pontuaram a campanha contra o anofelino malfeitor. Valores que nós, por tabela, absorvemos. Um exemplo de tal disciplina: Algumas vezes o Prof. Deane disfarçava e dizia-me: – Acho que você esqueceu de fazer a barba, Ricardo! Sabes que uma falta como esta poderia significar a perda de um dia de salário de um técnico na época do *gambiae*? Naqueles dias – dizia o Professor – sentia-me encabulado de testar a eficiência e a atenção dos laboratoristas, misturando lâminas sabidamente positivas para malária num lote a ser examinado ou introduzir uma larva de *An. gambiae* dentre aquelas por identificar. Para ele o que mais importava era que tinha participado de uma campanha vitoriosa que conseguiu erradicar o mosquito intruso, embora lembrasse que isto requereu-lhe dias e dias de viagens a pé e em lombo de jumento, atravessando uma porção de um Brasil árido, muito pobre e inóspito.

As historinhas que aqui repito, não se restringiam às salas de aula e às horas oficiais. Como bem lembrou recentemente a Profa. Maria, o Prof. Deane sempre “roubava o show” onde estivesse: nas recepções, nas festinhas, almoços. Todos se interessavam por suas histórias, enchiam-lhe de perguntas sobre os assuntos mais variados, para as quais sempre tinha uma resposta, e delicitavam-se com aquelas pequenas e invulgares aulas particulares. Entre uma e outra de suas apreciadas empedinhas não perdia tempo em atrair a atenção contando um filme que assistira ou falando da admiração que tinha por Florença e os renas-

centista, pelas cores azuis e avermelhadas dos óleos dos pintores flamengos ou pelo valor das pinceladas leves, porém definitivas dos impressionistas. Prof. Deane afirmava que os artistas – pintores, músicos, escultores – produzem obras que, ao contrário das nossas, transcendem o seu tempo e trazem prazer e distração ao homem. O que nós produzimos sai de moda ou torna-se ultrapassado. Concluía que um artista é mais importante para a humanidade que os cientistas. O que hoje fazemos, dizia, será esquecido talvez em menos de meio século e o mesmo não se deu com um mosaico bizantino. Comungávamos na adoração pelas artes e pelo açaí. O suco do coquinho enegrecido era obrigatório nos finais de semana. Esses dois dias longe do trabalho eram considerados inúteis e pouco desejados pelo Prof.. Respondia-nos com resmungos quando lhe desejávamos um bom fim-de-semana. Aliás o apreciadíssimo suco de açaí era tomado com abundância de açúcar pelo Prof.. Tamanha era a quantidade de colheradas vertidas que, envergonhado, o Prof. pedia que olhássemos para o outro lado.

Mas voltemo-nos aos anofelinos. Depois do sucesso da campanha anti-*gambiae* o Prof. Deane e a Profa. Maria realizaram o mais amplo estudo sobre a biologia e distribuição geográfica dos transmissores do paludismo na Amazônia. Pouco mais tarde, ele se dedicaria ao estudo da transmissão da filariose bancroftiana no país. Aliás, foi por conta de sua experiência com o vetor – o *Culex fatigans* – que o Prof. J. R. Coura tentou estimular, ambos Prof. Deane e eu, a investigarmos por que não havia transmissão da *Wuchereria* no Rio de Janeiro, enquanto a infecção havia sido endêmica no Nordeste e Sul do Brasil. Por não gostar de tirar os pés do chão, ou como alguns achavam, por ser pessimista, logo se esquivou da idéia. Muitas vezes tive de falar com ele sobre tal assunto enquanto descia apressadamente as escadas do 4º para o 3º andar do Pavilhão Carlos Chagas ou segui-lo pelo corredor deste pavimento antes que atingisse a sala da Profa. Maria, onde o almoço lhe esperava pontualmente. Acho que ele suspeitou que por detrás daquela minha tenacidade e teimosia, tínhamos algo em comum. Assim, orientou-me no mestrado e doutorado e indicou a minha contratação.

Estaria mentindo se insinuasse que o Prof. Deane não me recebera bem desde o início. Todos nós sabíamos que era só bater na porta de sua sala que ele logo apontava para o sofá a sua esquerda convidando para uma conversa.

Ali alguns tiveram minutos preciosos, outros, menos envergonhados, aguardavam que ele revisse o inglês de um artigo ou falavam durante horas sobre assuntos que muitas vezes não eram propriamente de seu interesse. Mas ouvia. Tínhamos um pacto vergonhoso: se alguém se excedesse num daqueles dias em que se achava mais assoberbado, eu ou um dos colegas de laboratório, inventávamos haver um curioso tripanosoma, um esquisito plasmódio ou um anofelino de asa incomum focalizado no microscópio, e lhe chamávamos para conferir, afastando a visita. Tudo isto porque o Prof. era quase incapaz de pronunciar o não.

Meu dileto orientador era muito bem humorado, delicado e atencioso. Dava-nos bom dia e em seguida vinha a pergunta: Alguma novidade, pessoal? Queria com isso, um micro relatório do que fizéramos no laboratório após sua saída na véspera ou na noite ou madrugada que trabalhamos no campo.

Conheci e trabalhei com o Prof. quando ele já passava dos 65 anos. A respeitável idade não impediu que fôssemos várias vezes juntos ao campo. Em 1987, surpreendi-me com a sua agilidade nas capturas de anofelinos numa área altamente endêmica de Rondônia e noutra ocasião, quando ele me assustou ao subir até uma plataforma montada na copa de uma árvore, a 14 metros de altura. Mas não pensem que contraiu malária em Rondônia ou caiu da plataforma. Prof. Deane tinha muita sorte. Por exemplo: logo a primeira raposa que examinou no Nordeste estava positiva para *Leishmania* – era o primeiro reservatório do calazar descoberto nas Américas e o segundo em todo o mundo; um macaco limpo que deixou pernoitar uma única vez numa mata em S. Paulo, infectou-se com os dois únicos plasmódios de símios existente nas Américas – *simium* e *brazilianum* – e havia mosquitos de uma só espécie dentro da armadilha que continha o macaco – era o *An. cruzi*; descobria assim que tal anofelino era o vetor natural de ambas as malárias numa só empreitada.

Alguns de nós aprendemos muito no convívio com o Prof., isto é, a ser humildes, a escutar o interlocutor e ver se não estamos sem razão, não fazer parte de panelinhas, ser exatos nas experiências e nas publicações e não dar guarida à vaidade. Via o Prof. vaidoso apenas quando seus orientandos eram laureados com dez ou louvor ao final da defesa de suas teses.

Horário para ele não era brincadeira. Se chegássemos atrasados dois ou três minutos num local marcado já não o encontrávamos. Havia tomado um táxi para não perder o compromisso. Uma feita, acordei às 3h 30 min da madrugada com o Prof. quase pronto para tomar um avião que só partiria às 8h 30min.

Abençoados os laboratórios e pesquisadores que ocuparão este prédio, hoje denominado Leonidas de Melo Deane. Saibam que este nome costumava abrir qualquer porta na ciência, pois o Prof. trabalhou com os mais diversos assuntos, sempre criando novos amigos. Costumava dizer que, ao modo dos grandes cientistas do passado, era biscateiro. Nos quase sessenta anos de atividades, dedicou-se principalmente ao estudo da malária, leishmanioses visceral e tegumentar, tripanosomíases e filarioses e dos vetores e reservatórios de tais moléstias. Aprimorou-se na sistemática dos protozoários parasitos e seus insetos vetores, descobrindo três espécies novas de mosquito, descrevendo os ovos, as larvas e machos de vários anofelinos e três novos tripanosomas.

Dos importantes vetores – incluindo mosquitos e flebótomos – elaborou estudos sobre a biologia relacionada à transmissão, os quais, até hoje, são as bases para as campanhas de controle. Toda esta vida científica acha-se sintetizada em quase duzentos trabalhos, capítulos de livro ou notas publicadas. Foi laureado com uma dezena de medalhas e prêmios. E hoje, no seu aniversário, embora sem as empadinhas e o açaí, ele recebe mais um prêmio – a nomeação de um prédio destinado ao

que fez durante toda a vida: pesquisa científica. Tudo isto para nós, seus descendentes científicos, e para ele próprio é motivo de orgulho. Sim porque foi do Instituto Oswaldo Cruz que partiu Evandro Chagas nos anos 30 para desencaminhar o jovem Leonidas para as pesquisas de campo. Seu pai lhe imaginava como um médico urbano, responsável por um bom laboratório de análises clínicas. A convivência com colegas que fizeram o Curso de Aplicação de Manguinhos aguçava-lhe o encanto por esta casa. Contava que, estando aqui de visita, se hospedou por alguns dias no quarto de Emanuel Dias, no 5º andar do castelo e que só a variada biblioteca do dono do quarto compensava o desconforto das noites de calor insuportável. As vezes fugia para o terraço do castelo, dormia com pouca roupa ao relento, era devorado pelos numerosos *Aedes scapularis* e acordava com as costas quadriculadas pelas manchas de piche das juntas da laje. Só se integrou definitivamente ao nosso Instituto em 1980. Arrebanhou e aglutinou ao seu redor jovens e maduros pesquisadores que com ele transformaram os exíguos e desagregados laboratórios de nosso departamento no mais variado e completo centro de entomologia médica da nação. De lá para cá, semeou em nossos corações um fanatismo e um grande amor pela pesquisa, que frutificou em amizade e tornou sua presença insubstituível.

Por tudo isto, com grande orgulho, agradeço esta homenagem em seu nome. Obrigado.

*Ricardo Lourenço-de-Oliveira*